

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA FACULDADE DE
GESTÃO E NEGÓCIOS GRADUAÇÃO EM
ADMINISTRAÇÃO

**A educação empreendedora e o desenvolvimento de competências em pequenas
empresas no Brasil: uma revisão integrativa (2011-2025)**

AMANDA PASSAGEM RIDÊNCIO

Trabalho de Conclusão de Curso no formato de
revisão integrativa apresentado à Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial para a
obtenção do título de bacharel em Administração.
Orientadora: Profª. Dra. Márcia Freire de Oliveira

UBERLÂNDIA – MG

2026

RESUMO

A elevada mortalidade das pequenas empresas brasileiras tem sido associada, entre outros fatores, ao despreparo gerencial de seus fundadores, o que recoloca a educação empreendedora no centro do debate sobre sobrevivência empresarial. Este artigo teve como objetivo analisar como a educação empreendedora contribui para o desenvolvimento de competências empreendedoras e para a redução da mortalidade em pequenas empresas no Brasil. Realizou-se uma revisão integrativa da literatura, com busca nas bases Scopus, SciELO Brasil, Web of Science, Spell e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), além do Portal de Periódicos da CAPES, que resultou na seleção para posterior análise de doze artigos publicados entre 2011 e 2024. Os achados foram organizados em cinco categorias temáticas, sistematizados em uma matriz de extração, abrangendo as concepções e a evolução da educação empreendedora; as metodologias pedagógicas e o desenvolvimento de competências; a relação entre competências empreendedoras e desempenho empresarial; a contribuição da educação empreendedora para a redução da mortalidade empresarial; e, por fim, as tensões e lacunas identificadas na literatura. Os resultados indicam que a educação empreendedora desenvolve competências sobretudo quando se apoia em metodologias ativas e experienciais, e que tais competências sustentam o desempenho e reduzem o risco de mortalidade em uma relação condicional, mediada pela qualidade da formação e por fatores contextuais. Conclui-se, a partir da análise detalhada dos artigos selecionados, que a contribuição da educação empreendedora não é automática, mas depende da natureza das metodologias adotadas e da sua adequação aos diferentes contextos socioeconômicos, persistindo lacunas quanto aos mecanismos específicos dessa relação.

Palavras-chave: educação empreendedora; competências empreendedoras; mortalidade empresarial; pequenas empresas; revisão integrativa.

1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo constitui um dos pilares da economia brasileira, ao articular geração de renda, desenvolvimento econômico e mobilidade social (Sebrae, 2022). O país registra atualmente a maior taxa de empreendedorismo de sua série histórica, resultado tanto da busca por oportunidades quanto da necessidade de adaptação a um cenário econômico instável (Sebrae, 2025).

Nesse cenário, as micro e pequenas empresas (MPEs) ocupam posição central. Respondem por cerca de 70% dos empregos do país (Agência Brasil, 2023) e por aproximadamente 27% do Produto Interno Bruto (Sebrae, 2026), magnitude corroborada pelas pesquisas de Demografia das Empresas e de Estatísticas de Empreendedorismo do IBGE (IBGE, 2024). Para além de predominarem em número, essas unidades mostram-se decisivas para a estabilidade econômica e o bem-estar social, cumprindo ainda função de inclusão para populações com acesso restrito ao mercado formal de trabalho (Sebrae, 2024).

Apesar dessa relevância, as MPEs convivem com elevada mortalidade precoce, uma das principais fragilidades estruturais do ecossistema empreendedor nacional. Cerca de 60% delas não sobrevivem após cinco anos de operação, e aproximadamente 20% encerram já no primeiro ano de atividade (IBGE, 2024).

O quadro agrava-se em razão do perfil do empreendedor brasileiro. Conforme Bulgacov et al. (2011), parcela expressiva inicia o negócio por necessidade, em contextos de desemprego e baixa qualificação, e não como decorrência de uma oportunidade previamente planejada.

A mortalidade precoce das pequenas empresas decorre de um conjunto multifatorial de causas. Embora os fatores contextuais, como a instabilidade econômica e a oscilação dos juros, sejam relevantes, Matos (2017) atribui papel determinante às causas endógenas, ligadas à gestão interna do negócio.

Entre essas causas, destacam-se a gestão inadequada, marcada por decisões intuitivas e pela ausência de processos formalizados, e o planejamento deficiente, com empreendimentos iniciados sem análise de mercado consistente e sem projeções financeiras realistas (Matos, 2017).

Soma-se a elas a carência de competências para empreender, sobretudo entre quem o faz por necessidade (Bulgacov et al., 2011). Para Matos (2017), esse despreparo figura entre as causas mais determinantes do fechamento precoce e, ao mesmo tempo, é a mais passível de mitigação por via educacional.

É diante dessa possibilidade que a educação empreendedora se apresenta como uma importante estratégia de formação. Embora sua presença e a produção acadêmica estejam mais concentradas no ensino superior, especialmente em cursos relacionados à Administração, Economia e áreas afins, seus princípios podem ser aplicados desde a educação básica, incluindo os ensinamentos fundamental e médio. Compreendida como processo educacional voltado ao desenvolvimento da mentalidade empreendedora e das competências necessárias para identificar, criar e aproveitar oportunidades de negócio, a educação empreendedora ultrapassa

o ensino de técnicas empresariais e privilegia a aprendizagem experiencial e a reflexão crítica sobre a experiência (Schaefer; Minello, 2016; Araujo; Davel, 2018).

As competências empreendedoras, por sua vez, articulam o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes mobilizadas pelo indivíduo na ação (Fleury; Fleury, 2001). A literatura as organiza em diferentes tipologias, que incluem dimensões técnicas, comportamentais, conceituais e reflexivas, embora nem todos os estudos adotem a mesma classificação.

Zampier e Takahashi (2011) e Makhamed e Bendassolli (2017) sustentam que tais competências não constituem traços inatos, mas produtos da aprendizagem, podendo ser mensuradas, ensinadas e desenvolvidas por intervenções sistemáticas.

Essa proposição encontra fundamento na teoria do capital humano (Schultz, 1961; Becker, 1964), que concebe a educação como investimento capaz de elevar a produtividade e o desempenho do indivíduo. No caso do empreendedor, a formação condiciona a sua capacidade de gerir, planejar e adaptar-se ao ambiente competitivo.

Evidências nacionais sustentam essa relação. Bertolami et al. (2018), em estudo longitudinal que acompanhou cerca de duas mil empresas nascentes em São Paulo por cinco anos, constata que empreendedores com maior capital humano apresentam taxas de sobrevivência superiores. Na mesma direção, Matos (2017) associa cerca de metade do encerramento das microempresas nos dois primeiros anos ao despreparo dos fundadores.

A relação, contudo, não opera de forma automática nem incondicional, e o potencial da educação empreendedora para reduzir a mortalidade das pequenas empresas permanece pouco explorado no país. A produção sobre o tema permanece dispersa entre a administração, a educação, a psicologia e a economia, e Araujo e Davel (2018) observam que ainda são escassas as sínteses que articulam, de forma explícita, educação, desenvolvimento de competências e sobrevivência empresarial no contexto brasileiro.

Diante dessa lacuna, este estudo tem como objetivo analisar a literatura científica nacional publicada entre 2011 e 2025 sobre educação empreendedora, identificando como o desenvolvimento de competências atua como fator estratégico para auxiliar a sobrevivência e a longevidade nas pequenas empresas no Brasil. A pesquisa orienta-se pela seguinte questão norteadora: como a educação empreendedora desenvolve competências que contribuem para a sobrevivência e a longevidade de pequenas empresas no Brasil? Ao estruturar-se como revisão integrativa da literatura, pretende sistematizar o conhecimento produzido no período, identificar consensos e divergências, esclarecer os mecanismos que ligam educação, competências e desempenho e apontar lacunas e implicações para a prática educacional, para a gestão das pequenas empresas.

2 MÉTODO

Este estudo caracteriza-se como revisão integrativa da literatura, de abordagem qualitativa e finalidade exploratória e descritiva, voltada a reunir e sintetizar a produção científica publicada entre 2011 e 2025 sobre educação empreendedora, competências empreendedoras e sobrevivência e longevidade de pequenas empresas no Brasil. A revisão integrativa reúne, sob protocolo reprodutível, estudos de delineamentos distintos, teóricos, qualitativos e quantitativos, em uma única síntese, o que possibilita compreensão mais ampla do fenômeno do que a análise isolada de cada trabalho (Whittemore; Knafl, 2005; Souza; Silva; Carvalho, 2010). A opção por essa modalidade, e não pela revisão sistemática ou pela narrativa, deve-se à natureza ampla e relacional da questão de pesquisa e ao caráter multidisciplinar do objeto, que mobiliza a administração, a educação, a psicologia e a economia (Rother, 2007; Botelho; Cunha; Macedo, 2011).

Segundo Mendes, Silveira e Galvão (2008) e Souza, Silva e Carvalho (2010), a elaboração deste tipo de estudo percorre seis etapas: (1) identificação do tema e formulação da questão; (2) definição dos critérios de inclusão e exclusão e busca na literatura; (3) definição das informações a serem extraídas e categorização dos estudos; (4) avaliação crítica dos estudos incluídos; (5) interpretação e síntese dos resultados; e (6) apresentação da revisão. As subseções seguintes detalham cada etapa.

A primeira etapa consistiu na identificação do tema e na formulação da questão que orientou todo o percurso. Com o objetivo de analisar como o desenvolvimento de competências, por meio da educação empreendedora, atua como fator estratégico para a sobrevivência e a longevidade das pequenas empresas no Brasil, estabeleceu-se a seguinte questão norteadora: como a educação empreendedora desenvolve competências que contribuem para a sobrevivência e a longevidade nas pequenas empresas no Brasil?

A segunda etapa reuniu a definição dos critérios de elegibilidade e a busca na literatura. Foram considerados elegíveis os trabalhos publicados entre 2011 e 2025, recorte de quinze anos que capta a produção nacional recente sobre o tema, realizados no Brasil ou com dados brasileiros sobre pequenas empresas, que abordassem conjuntamente a educação ou a aprendizagem empreendedora e as competências, na forma de artigo revisado por pares, dissertação ou tese, redigidos em português e disponíveis na íntegra. Excluíram-se editoriais, comentários e resenhas sem pesquisa original, estudos voltados apenas ao empreendedorismo sem foco em educação, pesquisas internacionais sem vínculo com o Brasil, publicações anteriores a 2011, textos indisponíveis e duplicatas.

A busca foi conduzida entre dezembro de 2025 e julho de 2026 em seis fontes: Scopus, SciELO Brasil, Web of Science, Spell, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Portal de Periódicos da CAPES, escolhidas por reunirem cobertura multidisciplinar, produção nacional em administração e acesso a dissertações e teses. Os descritores, empregados em português, foram educação empreendedora, aprendizagem empreendedora, competências empreendedoras, pequenas empresas, microempresas, sobrevivência empresarial e mortalidade empresarial, combinados na equação ("educação empreendedora" OR "aprendizagem empreendedora" OR "competências empreendedoras") AND ("pequenas empresas" OR "microempresas" OR "sobrevivência empresarial" OR "mortalidade empresarial"), ajustada à sintaxe de cada fonte. Foram identificados 107 registros: 15 na Scopus, 4 na SciELO Brasil, 7 na Web of Science, 48 na Spell, 12 na BDTD e 21 no Portal de Periódicos da CAPES. A identificação foi complementada por buscas dirigidas por autor e por título nas mesmas fontes, a partir das referências dos registros triados. Reunidos os registros das seis fontes e os provenientes das buscas dirigidas, procedeu-se à remoção das duplicatas mediante o cruzamento de títulos, autores e DOI, conservando-se a primeira ocorrência recuperada de cada trabalho. As duplicatas decorreram sobretudo da sobreposição de cobertura entre o Portal de Periódicos da CAPES e as demais bases, dado que os periódicos nacionais de administração são indexados simultaneamente em mais de uma fonte.

Os registros únicos remanescentes foram submetidos à triagem por título e resumo, com aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. Foram excluídos os trabalhos que se enquadravam em ao menos um dos seguintes motivos: publicação anterior ao recorte temporal, a exemplo de estudo de 2008 recuperado na SciELO; ausência da dimensão educacional, em trabalhos que tratavam de competências ou de aprendizagem empreendedora sem vínculo com processos formativos, como as investigações sobre competências de produtores rurais, de mulheres na economia informal e de proprietários franquizados; ausência de articulação com as competências, em textos restritos à discussão do empreendedorismo, da intenção empreendedora ou de políticas públicas de desenvolvimento local; e tipo documental não elegível, caso de editoriais. Os doze trabalhos remanescentes foram lidos na íntegra, confirmaram os critérios de elegibilidade e compuseram o corpus da revisão.

A terceira etapa reuniu a definição das informações a serem extraídas e a organização dos artigos por tema. Após a leitura na íntegra dos doze artigos, as principais informações de cada um foram reunidas em um quadro: autores e ano, título, objetivos, método, amostra ou contexto, resultados, competências tratadas, abordagem educacional, relação com a mortalidade das empresas, lacunas e observações críticas. O quadro completo de extração é apresentado no

Quadro 2, ao final da seção de resultados. A partir dessas informações, os doze artigos foram reunidos em cinco categorias temáticas: I. Concepções e evolução da educação empreendedora; II. Metodologias pedagógicas e desenvolvimento de competências; III. Competências empreendedoras e desempenho das pequenas empresas; IV. Educação empreendedora e redução da mortalidade empresarial; e V. Tensões e lacunas do campo. Essas categorias, escolhidas com base nas abordagens apresentadas pelos trabalhos lidos, orientam a apresentação dos resultados

A quarta etapa consistiu na avaliação crítica dos estudos incluídos (Souza; Silva; Carvalho, 2010), conduzida segundo três critérios: a adequação metodológica, que examinou a coerência entre objetivos, método e conclusões; a força da evidência, que ponderou o delineamento e a robustez dos dados de cada estudo; e a relevância teórica, que considerou a contribuição do trabalho para a resposta à questão norteadora.

Na quinta etapa, de interpretação e síntese, os dados extraídos foram submetidos a análise temática (Braun; Clarke, 2006) no âmbito da síntese integrativa, com a codificação dos conteúdos, o agrupamento dos achados e a identificação de convergências e divergências entre os estudos. A síntese organizou-se em torno de um modelo integrador, de caráter condicional, segundo o qual a educação empreendedora desenvolve competências, as competências sustentam o desempenho e o desempenho superior reduz o risco de mortalidade, em relação mediada pela qualidade da formação e por fatores contextuais.

A sexta etapa corresponde à apresentação da revisão. A caracterização do corpus é sintetizada no Quadro 1, que abre a seção de resultados; os achados são expostos segundo as cinco categorias temáticas; e a discussão organiza-se em três eixos, que articulam o elo entre metodologia e competências, o impacto sobre a mortalidade e a tensão entre as perspectivas instrumental e crítica da educação empreendedora.

3 RESULTADOS

O processo de busca e seleção resultou em doze artigos incluídos no corpus. Embora a janela de busca compreendesse o período de 2011 a 2025, nenhum estudo elegível publicado em 2025 foi recuperado, de modo que o corpus final reúne publicações entre 2011 e 2024. O Quadro 1 sintetiza a caracterização dos estudos selecionados.

Quadro 1 — Caracterização dos artigos incluídos na revisão

Título do artigo	Autores	Ano	Objetivos
Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa	Zampier; Takahashi	2011	Propor um modelo conceitual que articule competências empreendedoras e processos de aprendizagem, compreendendo as competências como resultado de aprendizagem experiencial contínua.
Jovem empreendedor no Brasil: a busca do espaço da realização ou a fuga da exclusão?	Bulgacov et al.	2011	Analisar o perfil do jovem empreendedor brasileiro e discutir se empreende por realização ou por necessidade, evidenciando os limites da educação diante da vulnerabilidade.
Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias	Schaefer; Minello	2016	Discutir premissas, objetivos e metodologias da educação empreendedora, defendendo uma educação centrada no aluno e em metodologias ativas.
Desempenho, autorregulação e competências de empreendedores de indústrias criativas brasileiras	Bendassolli et al.	2016	Investigar a relação entre competências empreendedoras, autorregulação e desempenho de empreendedores de indústrias criativas.
Educação empreendedora: sua importância como fator de redução da mortalidade precoce das micro e pequenas empresas	Matos	2017	Discutir a importância da educação empreendedora como fator de redução da mortalidade precoce das micro e pequenas empresas.
Evidências de validade de um inventário de competências empreendedoras para empresários juniores	Makhamed; Bendassolli	2017	Reunir evidências de validade de um inventário de competências empreendedoras aplicado a empresários juniores.
O “bê-á-bá” do ensino em empreendedorismo: uma revisão da literatura sobre os métodos e práticas da educação empreendedora	Silva; Pena	2017	Revisar a literatura sobre métodos e práticas da educação empreendedora, comparando a eficácia das abordagens ativas e passivas.
Educação empreendedora: avanços e desafios	Araujo; Davel	2018	Sistematizar a produção nacional sobre educação empreendedora e propô-la como prática social baseada em experiência e reflexão crítica.
Sobrevivência de empresas nascentes: influência do capital humano, social, práticas gerenciais e gênero	Bertolami et al.	2018	Analisar a influência do capital humano e social, das práticas gerenciais e do gênero na sobrevivência de empresas nascentes.

Título do artigo	Autores	Ano	Objetivos
Educação empreendedora em contabilidade: da teoria à aprendizagem experiencial	Moreira et al.	2020	Demonstrar, por pesquisa-ação, como a aprendizagem experiencial em consultoria a pequenas empresas transforma a mentalidade técnica em visão empreendedora.
Educação profissional para startups: uma reflexão sobre o impacto do desenvolvimento de competências empreendedoras para o amadurecimento do ecossistema de startups no Brasil	Dionello; Langhi; Okano	2020	Refletir sobre o impacto do desenvolvimento de competências empreendedoras na maturação do ecossistema de startups no Brasil.
Educação empreendedora para os anos iniciais de escolarização: superação ou adaptação?	Santos; Ferreira; Moraes	2024	Discutir criticamente a educação empreendedora nos anos iniciais de escolarização, problematizando se representa superação ou adaptação.

Fonte: elaborado pela autora (2026).

Quanto ao ano de publicação, o maior destaque coube a 2017, com três artigos, seguido de 2011, 2016, 2018 e 2020, com dois artigos cada, e de 2024, com um. Todos os trabalhos são publicações nacionais, redigidas em português. As abordagens metodológicas mostraram-se heterogêneas, reunindo ensaios teóricos e modelos conceituais, estudos quantitativos e econométricos, pesquisa-ação, revisões de literatura e análises de perspectiva crítica, característica que confirma a adequação da revisão integrativa ao objeto.

A análise dos doze artigos organizou os achados nas cinco categorias temáticas anteriormente definidas, apresentadas nas subseções a seguir. O Quadro 2, ao final desta seção, sistematiza a matriz de extração dos doze estudos, contemplando objetivos, método, principais resultados, competências tratadas, relação com a mortalidade das pequenas empresas e lacunas observadas.

3.1 Categoria I: Concepções e evolução da educação empreendedora

Os estudos reunidos evidenciam uma compreensão em evolução do conceito de educação empreendedora ao longo do período analisado. Zampier e Takahashi (2011) a definem como processo contínuo de aprendizagem experiencial, no qual os conhecimentos adquiridos na prática orientam novas experiências, fundamentando um modelo conceitual que integra o desenvolvimento de competências à transformação da experiência em conhecimento. Em direção convergente, Schaefer e Minello (2016) sustentam que a educação empreendedora deve ser centrada no aluno e orientada ao “aprender a aprender”, e não ao modelo convencional

focado na transmissão de conteúdo, cabendo ao professor o papel de catalisador e facilitador que estimula a autoconfiança e a construção da identidade do estudante.

À medida que o campo amadurece, emergem leituras mais críticas. Araujo e Davel (2018), ao sistematizarem a produção nacional sobre o tema, identificam a predominância de uma pedagogia instrumental centrada no “plano de negócio”, que negligencia a construção social do empreendedor e a sua história de vida; em contraposição, propõem tratar o empreendedorismo como prática social fundada na experiência e na reflexão crítica. Na mesma chave, Santos, Ferreira e Moraes (2024) advertem que a educação empreendedora ofertada precocemente pode naturalizar o fracasso e camuflar contradições estruturais, na medida em que o discurso da “liberdade para empreender” opera, muitas vezes, como resposta à exclusão, e não como escolha deliberada.

O conjunto dos estudos sinaliza, portanto, um deslocamento conceitual: de uma visão estritamente instrumental, voltada a ferramentas e técnicas de gestão, para uma compreensão que articula dimensões pedagógicas (aprendizagem ativa e reflexão), sociais (construção de identidade) e críticas (questionamento de pressupostos estruturais). Essa ampliação conceitual constitui o pano de fundo a partir do qual se examinam, nas categorias seguintes, as metodologias, as competências e os efeitos da educação empreendedora sobre a sobrevivência das pequenas empresas.

3.2 Categoria II: Metodologias pedagógicas e desenvolvimento de competências

Esta categoria reúne os achados relativos ao modo como a educação empreendedora desenvolve competências, com destaque para a centralidade das metodologias ativas e da aprendizagem experiencial. O pressuposto que atravessa os estudos é o de que as competências empreendedoras não são inatas, mas resultam de um processo contínuo de aprendizagem (Zampier; Takahashi, 2011), o que desloca o foco do ensino da transmissão de conteúdos para a vivência e a reflexão sobre a ação.

Schaefer e Minello (2016) argumentam que metodologias ativas, como simulações, resolução de problemas e atividades conectadas ao mundo real, desenvolvem autoconfiança e identidade empreendedora de maneira mais efetiva do que os métodos expositivos tradicionais. Essa percepção é corroborada pela revisão de Silva e Pena (2017), que distingue a aprendizagem passiva (aulas expositivas e casos estáticos) da aprendizagem ativa (planos de negócio, incubadoras e empresas juniores) e constata a superioridade da segunda no desenvolvimento de habilidades, embora reconheça que as aulas expositivas persistem como

prática predominante no ensino superior brasileiro, em razão de restrições de recursos. A aprendizagem experiencial encontra ilustração empírica em Moreira et al. (2020), cuja pesquisa-ação, conduzida em contexto real de consultoria a vinte e cinco pequenas empresas, demonstra que a vivência prática transforma a mentalidade estritamente técnica de estudantes de contabilidade em visão empreendedora, desenvolvendo competências comportamentais, como a visão sistêmica, e não apenas técnicas.

A efetividade das metodologias, contudo, mostra-se sensível ao contexto. Dionello, Langhi e Okano (2020), ao investigarem o ecossistema de startups, registram que 93,5% dos profissionais consideram os treinamentos corporativos essenciais e que o êxito depende da integração entre conhecimentos técnicos e comportamentais, sintetizada na tríade *Hipster*, *Hacker* e *Hustler*. A tríade citada representa três dimensões complementares do desenvolvimento empreendedor. O *Hipster* está associado à criatividade, à inovação e à capacidade de compreender as necessidades e experiências dos usuários. O *Hacker* relaciona-se ao conhecimento técnico, à capacidade de desenvolver soluções e à aplicação prática de conhecimentos para transformar ideias em produtos ou serviços. Já o *Hustler* está ligado à visão de negócio, à identificação de oportunidades, à comunicação, à negociação e à capacidade de mobilizar recursos. No contexto da educação empreendedora, essa tríade evidencia que o desenvolvimento empreendedor envolve a integração de diferentes competências, combinando criatividade, conhecimento técnico e capacidade de gestão e ação no mercado. Dessa forma, a formação empreendedora deve estimular não apenas conhecimentos teóricos, mas também experiências práticas que permitam o desenvolvimento e a aplicação dessas competências. Os autores reforçam, ainda, a distinção entre a educação voltada às pequenas empresas tradicionais, orientada à gestão operacional e à redução da mortalidade precoce, e a educação voltada às startups, marcada pela exigência de resiliência e pela atuação em mercados escaláveis. Em conjunto, os estudos convergem para o entendimento de que a aprendizagem ativa, experiencial e reflexiva, conectada a problemas reais, é mais efetiva do que a aprendizagem passiva, devendo, porém, ser diferenciada conforme o público e o contexto.

3.3 Categoria III: Competências empreendedoras e desempenho das pequenas empresas

Os estudos quantitativos reunidos documentam uma relação robusta entre competências empreendedoras e desempenho, ainda que os mecanismos específicos permaneçam apenas parcialmente esclarecidos. Bendassolli et al. (2016), em estudo com 295 profissionais de indústrias criativas, demonstram que as competências de estratégia e planejamento são fortes

preditoras do desempenho financeiro e não financeiro, e identificam no automonitoramento uma variável mediadora essencial, responsável por converter o estoque de conhecimento em ações efetivas, distinção que separa o empreendedor que detém conhecimento daquele que o implementa na prática.

A consistência do construto é reforçada por Makhamed e Bendassolli (2017), que validaram um inventário de competências empreendedoras em amostra de 796 empresários juniores, confirmando uma estrutura de cinco fatores: gestão estratégica, gestão de riscos, gestão de pessoas, relacionamento e oportunidade. Achado relevante é a constatação de que os jovens empreendedores brasileiros não dissociam a estratégia da gestão operacional, o que sugere a integração das competências na prática concreta. No plano do desempenho empresarial, Bertolami et al. (2018), a partir de modelos econométricos aplicados a cerca de duas mil empresas, confirmam que o capital humano, medido pela escolaridade, e a adoção de práticas gerenciais proativas reduzem significativamente a mortalidade; os autores observam, ademais, que o gênero modera esse efeito, uma vez que as mulheres dependem mais intensamente do capital social e de competências superiores para assegurar a sobrevivência de seus negócios.

Tomados em conjunto, esses resultados sustentam que as competências empreendedoras, sobretudo nas dimensões de estratégia, planejamento e autorregulação, predizem o desempenho das pequenas empresas. Essa relação, todavia, não é direta: ela se efetiva por meio da implementação concreta das competências em práticas gerenciais, o que confere ao automonitoramento e à ação proativa o papel de elos entre o saber e o resultado.

3.4 Categoria IV: Educação empreendedora e redução da mortalidade empresarial

Os estudos reunidos nesta categoria conectam educação, desenvolvimento de competências e redução da mortalidade empresarial, embora se trate de uma relação condicional e mediada por múltiplos fatores. Matos (2017) associa a elevada mortalidade das microempresas, cerca de metade das quais encerra as atividades em até dois anos, ao despreparo técnico dos fundadores, sobretudo no que se refere ao planejamento de etapas básicas como a análise de clientes, de concorrentes e do capital de giro. Com base nesse diagnóstico, o autor defende a inclusão da educação empreendedora de forma obrigatória desde o ensino médio, de modo a fornecer uma base teórica e prática mínima ao empreendedor. A evidência empírica de Bertolami et al. (2018) reforça essa tese ao confirmar que o capital humano reduz a mortalidade na medida em que amplia a capacidade de gerir imprevistos.

A relação, contudo, não é automática. Bulgacov et al. (2011), ao analisarem o perfil de empreendedores jovens, revelam que a maioria empreende por necessidade, em condições precárias e com baixa escolaridade prévia, e ponderam que a educação, isoladamente, é insuficiente. Para produzir efeito, ela precisa transformar o “comportamento” (a reação imposta pela necessidade) em “ação”, isto é, em escolha consciente orientada à oportunidade. Daí, decorre que as políticas educacionais devem ser complementadas por políticas de suporte econômico, sob pena de se atribuir ao indivíduo a responsabilidade por condicionantes estruturais.

Em síntese, os estudos convergem para o entendimento de que a educação empreendedora contribui para a redução da mortalidade ao desenvolver competências de planejamento, de gestão financeira e de autorregulação, que se traduzem em práticas gerenciais mais robustas. Trata-se, porém, de um fator necessário, mas não suficiente, cujo efeito depende tanto da efetiva implementação das competências quanto de condições contextuais favoráveis.

3.5 Categoria V: Tensões e lacunas do campo

Para além das convergências, a análise integrada revela tensões teóricas e lacunas que delimitam o estado atual do conhecimento. A principal tensão opõe uma perspectiva instrumental, que concebe a educação empreendedora como ferramenta de desenvolvimento econômico (geração de emprego e aumento da longevidade dos negócios) a uma perspectiva crítica, que questiona a possibilidade de que a educação, por si só, resolva problemas estruturais de desemprego, desigualdade e exclusão. Santos, Ferreira e Moraes (2024) e Araujo e Davel (2018) alertam que, sob essa segunda ótica, a educação empreendedora pode operar como mecanismo de responsabilização individual por adversidades de origem estrutural.

As lacunas identificadas são igualmente expressivas. A primeira refere-se aos mecanismos específicos da redução da mortalidade: embora se confirme que o capital humano a reduz, permanece pouco claro qual componente da educação (planejamento formal, gestão financeira ou competências comportamentais) exerce maior impacto, e em que momento da trajetória empreendedora a intervenção é mais crítica. A segunda diz respeito à dificuldade de isolar o efeito da educação formal de outros fatores, como o capital social, a experiência familiar prévia e o acesso ao crédito, o que demandaria estudos longitudinais (Bulgacov et al., 2011). A terceira aponta a carência de investigações sobre a adequação das metodologias aos diferentes contextos socioeconômicos brasileiros, dado que uma abordagem efetiva em um grande centro pode ser inadequada em municípios do interior (Silva; Pena, 2017). Soma-se a elas a escassez

de estudos sobre a construção social e os significados culturais da identidade empreendedora, bem como sobre a diferenciação entre o empreendedorismo por oportunidade e o por necessidade.

Essas tensões e lacunas não invalidam o modelo integrador que articula educação, competências, desempenho e sobrevivência, mas circunscrevem o seu alcance, indicando que a otimização das intervenções educacionais depende do avanço da pesquisa nesses pontos ainda pouco explorados.

Quadro 2 — Matriz de extração dos dados dos doze artigos incluídos na revisão

(continua)

Autores (ano)	Objetivos	Método / amostra ou contexto	Principais resultados	Competências tratadas / abordagem	Relação com a mortalidade das pequenas empresas	Lacunas e observações críticas
Zampier; Takahashi (2011)	Propor um modelo conceitual que articule competências empreendedoras e processos de aprendizagem.	Ensaio teórico; modelo conceitual.	As competências resultam de aprendizagem experiencial contínua, em que o conhecimento da prática orienta novas experiências.	Competências como produto de aprendizagem (não inatas); aprendizagem experiencial.	Indireta: fundamenta a tese de que as competências podem ser ensinadas e desenvolvidas.	Caráter conceitual, sem teste empírico do modelo proposto.
Bulgacov et al. (2011)	Analisar o perfil do jovem empreendedor brasileiro e discutir se empreende por realização ou por necessidade.	Estudo sobre jovens empreendedores brasileiros.	A maioria empreende por necessidade, em condições precárias e com baixa escolaridade prévia; a educação, isolada, é insuficiente.	Distinção entre “comportamento” (reação à necessidade) e “ação” (escolha consciente orientada à oportunidade).	Condicional: a educação precisa converter comportamento em ação e ser combinada a políticas de suporte econômico.	Aponta a necessidade de estudos longitudinais para isolar o efeito da educação formal.
Schaefer; Minello (2016)	Discutir premissas, objetivos e metodologias da educação empreendedora.	Ensaio teórico.	Defende educação centrada no aluno e no “aprender a aprender”, com o professor como catalisador e facilitador.	Metodologias ativas (simulações, resolução de problemas); autoconfiança e identidade empreendedora.	Indireta: metodologias ativas desenvolvem competências de modo mais efetivo que as expositivas.	Reconhece a predominância das aulas expositivas no ensino superior brasileiro.
Bendassolli et al. (2016)	Investigar a relação entre competências empreendedoras, autorregulação e desempenho.	Estudo quantitativo; 295 profissionais de indústrias criativas.	Estratégia e planejamento são fortes preditores do desempenho financeiro e não financeiro; o automonitoramento é variável mediadora.	Estratégia, planejamento e autorregulação (automonitoramento).	Indireta: as competências de gestão sustentam o desempenho empresarial.	Separa quem detém o conhecimento de quem o implementa na prática.
Matos (2017)	Discutir a importância da educação empreendedora como fator de redução da mortalidade precoce das micro e pequenas empresas.	Estudo teórico / de discussão.	Associa a mortalidade ao despreparo técnico dos fundadores (planejamento, análise de clientes, de concorrentes e de capital de giro).	Planejamento e gestão básica; defende a educação empreendedora obrigatória desde o ensino médio.	Central: cerca de metade das microempresas encerra atividades em até dois anos por despreparo dos fundadores.	Abordagem normativa, voltada à inclusão curricular da educação empreendedora.
Makhamed; Bendassolli (2017)	Reunir evidências de validade de um inventário de competências empreendedoras para empresários juniores.	Estudo quantitativo / psicométrico; 796 empresários juniores.	Confirma uma estrutura de cinco fatores: gestão estratégica, gestão de riscos, gestão de pessoas, relacionamento e oportunidade.	Cinco fatores de competências empreendedoras.	Indireta: instrumentaliza a mensuração de competências ligadas ao desempenho.	Os jovens empreendedores não dissociam a estratégia da gestão operacional.

Quadro 2 — Matriz de extração dos dados dos doze artigos incluídos na revisão (conclusão)

Autores (ano)	Objetivos	Método / amostra ou contexto	Principais resultados	Competências tratadas / abordagem	Relação com a mortalidade das pequenas empresas	Lacunas e observações críticas
Silva; Pena (2017)	Revisar a literatura sobre métodos e práticas da educação empreendedora, comparando abordagens ativas e passivas.	Revisão de literatura.	Constata a superioridade da aprendizagem ativa (planos de negócio, incubadoras, empresas juniores) sobre a passiva.	Aprendizagem ativa vs. passiva.	Indireta: metodologias ativas desenvolvem mais habilidades de gestão.	Aulas expositivas persistem por restrição de recursos; falta adequação aos diferentes contextos socioeconômicos.
Araujo; Davel (2018)	Sistematizar a produção nacional sobre educação empreendedora e propô-la como prática social.	Sistematização / revisão da produção nacional.	Identifica o predomínio de pedagogia instrumental centrada no “plano de negócio”; propõe experiência e reflexão crítica.	Perspectiva crítica; construção social do empreendedor.	Indireta: alerta para o risco de responsabilização individual por adversidades estruturais.	Escassez de sínteses que articulem educação, competências e sobrevivência empresarial.
Bertolami et al. (2018)	Analisar a influência do capital humano, social, das práticas gerenciais e do gênero na sobrevivência de empresas nascentes.	Estudo longitudinal / econométrico; cerca de 2.000 empresas nascentes (SP), cinco anos.	Capital humano (escolaridade) e práticas gerenciais proativas reduzem significativamente a mortalidade; o gênero modera o efeito.	Capital humano; práticas gerenciais proativas.	Direta e empírica: o capital humano reduz a mortalidade ao ampliar a capacidade de gerir imprevistos.	Mulheres dependem mais do capital social e de competências superiores para sobreviver.
Moreira et al. (2020)	Demonstrar como a aprendizagem experiencial transforma a mentalidade técnica em visão empreendedora.	Pesquisa-ação; consultoria a 25 pequenas empresas (estudantes de contabilidade).	A vivência prática desenvolve competências comportamentais (ex.: visão sistêmica), e não apenas técnicas.	Aprendizagem experiencial; competências comportamentais.	Indireta: atuação por meio de consultoria a pequenas empresas reais.	Evidência circunscrita a um contexto específico (contabilidade).
Dionello; Langhi; Okano (2020)	Refletir sobre o impacto do desenvolvimento de competências empreendedoras no ecossistema de startups.	Estudo no ecossistema de startups; survey com profissionais.	93,5% consideram os treinamentos essenciais; o êxito depende da integração técnico-comportamental (tríade hipster, hacker e hustler).	Competências técnicas e comportamentais.	Distingue a educação para as MPEs tradicionais (gestão operacional e redução da mortalidade) da voltada às startups.	Foco no contexto de startups, distinto das MPEs tradicionais.
Santos; Ferreira; Moraes (2024)	Discutir criticamente a educação empreendedora nos anos iniciais de escolarização.	Análise de perspectiva crítica.	A oferta precoce pode naturalizar o fracasso e camuflar contradições estruturais.	Perspectiva crítica; problematiza o discurso da “liberdade para empreender”.	Indireta: alerta para a responsabilização individual por adversidades de origem estrutural.	Tensão entre superação e adaptação; dimensão ideológica do discurso empreendedor.

Fonte: elaborado pela autora (2026).

4 DISCUSSÃO

A interpretação conjunta dos achados, organizada em três eixos, permite responder à questão norteadora e situar os resultados diante da literatura.

4.1 O elo entre metodologia e competências

O primeiro eixo evidencia que a relação entre educação e competências não se realiza por qualquer forma de ensino, mas depende, de modo decisivo, da natureza da metodologia adotada. Os estudos convergem ao indicar que as metodologias ativas e experienciais constituem o mecanismo por meio do qual a educação empreendedora efetivamente desenvolve competências (Schaefer; Minello, 2016; Silva; Pena, 2017; Moreira et al., 2020). A reflexividade ocupa, nesse processo, posição central: é ela que transforma a experiência, de êxito ou de fracasso, em conhecimento funcional, conforme o ciclo de aprendizagem experiencial de Kolb (1984). Disso decorre que intervenções educacionais centradas na mera transmissão de conteúdo tendem a ser pouco efetivas para o desenvolvimento das competências comportamentais e reflexivas que os estudos associam ao desempenho.

4.2 O impacto sobre a mortalidade

O segundo eixo articula a cadeia que liga educação, competências, desempenho e sobrevivência. Os achados sustentam um modelo de caráter condicional: a educação empreendedora desenvolve competências; as competências, sobretudo de estratégia, planejamento e autorregulação, sustentam o desempenho; e o desempenho superior reduz o risco de mortalidade (Bendassolli et al., 2016; Bertolami et al., 2018; Matos, 2017). Esse encadeamento, todavia, é mediado pela implementação concreta das competências em práticas gerenciais e condicionado por fatores contextuais. A educação revela-se, assim, fator necessário, mas não suficiente: o seu efeito sobre a longevidade das pequenas empresas depende da conversão do conhecimento em ação e de um ambiente econômico que viabilize tal conversão (Bulgacov et al., 2011).

4.3 A tensão entre as perspectivas instrumental e crítica

O terceiro eixo recupera a principal tensão do campo. De um lado, a perspectiva instrumental fundamenta a defesa da educação empreendedora como política de

desenvolvimento econômico e de redução da mortalidade; de outro, a perspectiva crítica adverte para o risco de que essa mesma educação naturalize o empreendedorismo como solução universal e transfira ao indivíduo a responsabilidade por problemas estruturais (Araujo; Davel, 2018; Santos; Ferreira; Moraes, 2024). Longe de se excluírem, as duas leituras delimitam os termos de uma aplicação responsável: a educação empreendedora pode contribuir para a sobrevivência das pequenas empresas, desde que articulada a políticas econômicas estruturais e informada por uma reflexão crítica sobre os seus próprios pressupostos.

5 CONCLUSÃO

Esta revisão integrativa analisou a produção científica brasileira sobre educação empreendedora publicada entre 2011 e 2025. O objetivo foi compreender como o desenvolvimento de competências atua de forma estratégica para auxiliar a sobrevivência e a longevidade nas pequenas empresas no país. A partir da análise de doze artigos selecionados, os achados foram organizados em cinco categorias (as concepções e a evolução da educação empreendedora; as metodologias pedagógicas e o desenvolvimento de competências; a relação entre competências empreendedoras e desempenho empresarial; a contribuição da educação empreendedora para a redução da mortalidade empresarial; e as tensões e lacunas identificadas na literatura) e sintetizados em um modelo integrador. Este modelo indica que a educação empreendedora, quando estruturada de forma ativa, experiencial e reflexiva, desenvolve competências de estratégia, planejamento e autorregulação que sustentam o desempenho empresarial, reduzindo, consequentemente, o risco de mortalidade dos negócios.

Embora coerente e fundamentado pela literatura, esse modelo é condicional. A relação entre educação e sobrevivência empresarial depende da aplicação prática dessas competências na gestão e é influenciada por fatores contextuais. Assim, a educação empreendedora é um fator necessário, mas não suficiente por si só. Além disso, a revisão identificou uma tensão central no campo entre as perspectivas instrumental e crítica, bem como lacunas importantes na literatura. Entre os principais pontos a serem explorados por estudos futuros estão os mecanismos específicos de redução da mortalidade empresarial, o impacto isolado da educação formal e a adaptação das metodologias aos diferentes contextos regionais brasileiros.

Dos resultados decorrem implicações para três públicos. Para os educadores, reforça-se a recomendação de privilegiar metodologias ativas e experienciais, conectadas a problemas reais e abertas à reflexão crítica. Para os gestores de pequenas empresas, destaca-se a

importância das competências de planejamento, de gestão financeira e de autorregulação para a longevidade do negócio.

Este estudo apresenta limitações: o corpus restringe-se a doze trabalhos nacionais, há predominância de medidas autorrelatadas e a causalidade entre educação e desempenho nem sempre é isolada empiricamente. Tais limites, contudo, convertem-se em agenda de pesquisa. Recomenda-se, em especial, a realização de estudos longitudinais capazes de identificar quais competências e em que momento da trajetória empreendedora a educação é mais determinante, bem como de investigações sensíveis à diversidade socioeconômica brasileira e à construção social da identidade empreendedora.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Micro e pequenas empresas criam sete de cada 10 empregos no país. *EBC*, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-07/micro-e-pequenas-empresas-criam-sete-de-cada-10-empregos-no-pais>. Acesso em: 10 jun. 2026.

ARAUJO, Gracyanne Freire de; DAVEL, Eduardo Paes Barreto. Educação empreendedora: avanços e desafios. *Cadernos de Gestão e Empreendedorismo*, v. 6, n. 3, p. 47-68, set./dez. 2018.

BECKER, Gary S. *Human capital: a theoretical and empirical analysis, with special reference to education*. New York: Columbia University Press, 1964.

BENDASSOLLI, Pedro F.; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; GONDIM, Sonia Maria; MAKHAMED, Yasmin Makhamid. Desempenho, autorregulação e competências de empreendedores de indústrias criativas brasileiras. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 32, n. esp., p. 1-10, 2016.

BERTOLAMI, Mariana; ARTES, Rinaldo; GONÇALVES, Pedro João; HASHIMOTO, Marcos; LAZZARINI, Sergio Giovanetti. Sobrevivência de empresas nascentes: influência do capital humano, social, práticas gerenciais e gênero. *Revista de Administração Contemporânea (RAC)*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 311-335, maio/jun. 2018.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade*, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BULGACOV, Yára Lúcia M.; CUNHA, Sieglinde Kindl da; CAMARGO, Denise de; MEZA, Maria Lucia; BULGACOV, Sergio. Jovem empreendedor no Brasil: a busca do espaço da realização ou a fuga da exclusão? *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 45, n. 3, p. 695-720, maio/jun. 2011.

DIONELLO, Roberta; LANGHI, Celi; OKANO, Marcelo Tsuguio. Educação profissional para startups: uma reflexão sobre o impacto do desenvolvimento de competências

empreendedoras para o amadurecimento do ecossistema de startups no Brasil. *South American Development Society Journal*, v. 5, n. 15, p. 456-480, 2020.

FLEURY, Maria Tereza Leme; FLEURY, Afonso. Construindo o conceito de competência. *Revista de Administração Contemporânea (RAC)*, v. 5, n. spe, p. 183-196, 2001.

IBGE. *Demografia das empresas e estatísticas de empreendedorismo 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/servicos/22649-demografia-das-empresas-e-estatisticas-de-empreendedorismo.html>. Acesso em: 15 jun. 2026.

KOLB, David A. *Experiential learning: experience as the source of learning and development*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1984.

MAKHAMED, Yasmin Makhamid; BENDASSOLLI, Pedro F. Evidências de validade de um inventário de competências empreendedoras para empresários juniores. *Psico-USF*, Bragança Paulista, v. 22, n. 2, p. 285-297, maio/ago. 2017.

MATOS, Welington de Andrade. Educação empreendedora: sua importância como fator de redução da mortalidade precoce das micro e pequenas empresas. *Revista Educação - UNG-Ser*, v. 12, n. 2, p. 24-30, 2017.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto - Enfermagem*, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008.

MOREIRA, Marcia Athayde; ALVES, Nadson Jaime Ferreira; ANDREASSI, Tales; BRAGA, Jorge Guilherme Rodrigues. Educação empreendedora em contabilidade: da teoria à aprendizagem experiencial. *Revista Catarinense da Ciência Contábil*, Florianópolis, v. 19, e2896, p. 1-18, 2020.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

SANTOS, Edilson de Araújo dos; FERREIRA, Merly Palma; MORAES, Silvia Pereira Gonzaga de. Educação empreendedora para os anos iniciais de escolarização: superação ou adaptação? *Interfaces Científicas - Educação*, Aracaju, v. 12, n. 2, p. 165-178, 2024.

SCHAEFER, Ricardo; MINELLO, Italo Fernando. Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, v. 10, n. 3, p. 60-81, jul./set. 2016.

SCHULTZ, Theodore W. Investment in human capital. *The American Economic Review*, v. 51, n. 1, p. 1-17, 1961.

SEBRAE. Cresce o número de brasileiros que querem ter um negócio próprio. *Portal Sebrae*, 2022. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ma/noticias/cresce-o-numero-de-brasileiros-que-querem-ter-um-negocio-proprio,d2301c>. Acesso em: 23 jun. 2026.

SEBRAE. Estudo revela crescimento do empreendedorismo no Brasil como instrumento de inclusão social. *Agência Sebrae de Notícias*, set. 2024. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/dados/estudo-revela-crescimento-do-empreendedorismo-no-brasil-como-inclusao-social/>. Acesso em: 23 jun. 2026.

SEBRAE. Brasil tem maior taxa de empreendedorismo dos últimos anos. *Agência Sebrae de Notícias*, 2025. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/dados/brasil-tem-maior-taxa-de-empreendedorismo-dos-ultimos-anos/>. Acesso em: 23 jun. 2026.

SEBRAE. Micro e pequenas empresas geram 27% do PIB do Brasil. *Portal Sebrae*, 2026. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/mt/noticias/micro-e-pequenas-empresas-geram-27-do-pib-do-brasil,ad0fc70646467410Vgn>. Acesso em: 23 jun. 2026.

SILVA, Júlio Fernando da; PENA, Roberto Patrus Mundim. O “bê-á-bá” do ensino em empreendedorismo: uma revisão da literatura sobre os métodos e práticas da educação empreendedora. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (REGEPE)*, v. 6, n. 2, p. 372-401, 2017.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

WHITTEMORE, Robin; KNAFL, Kathleen. The integrative review: updated methodology. *Journal of Advanced Nursing*, Oxford, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005.

ZAMPIER, Marcia Aparecida; TAKAHASHI, Adriana Roseli Wünsch. Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 9, ed. esp., p. 564-585, 2011.